

DIVERSIDADE LINGUÍSTICA EM JORNAIS FRONTEIRIÇOS: POLÍTICA DE LÍNGUAS E DECISÕES EDITORIAIS

Andrea Weber

RESUMEN. Este artículo presenta una investigación sobre la participación de las lenguas en las decisiones editoriales de diarios de la frontera de Brasil con Argentina y Uruguay. Su objetivo es entender la relación entre política de lenguas y política editorial en diarios que circulan en áreas caracterizadas por contactos lingüísticos. La investigación se filia al campo de conocimiento de la *política de lenguas*, dialogando con autores como Orlandi (2002) y Guimarães (2005). Se recolectaron datos sobre el uso de lenguas por medio de entrevistas semi-estructuradas con directores y periodistas de siete diarios fronterizos, en abril de 2012. Analizándolas, se identificó que los usos de las lenguas son una estrategia comercial, siendo la política de lenguas del diario regulada por la proyección editorial sobre la lengua del público. En general, se establece una relación directa entre la lengua, la nacionalidad del público y el área de circulación del diario. En esta relación, tres nociones son sobrepuestas: 1) lengua nacional, 2) territorio nacional y nacionalidad, a pesar de los contactos lingüísticos locales.

Palabras clave: política lingüística, fronteras, diarios.

ABSTRACT. This paper presents a research about the participation of the languages in the editorial decisions of the newspapers along the Brazilian border with Argentina and Uruguay. It aims to understand the relationship among language policy and editorial policy in newspapers which circulate in areas characterized by language contacts. The research is affiliated to field of studies of the "Política de Línguas". It dialogues with authors such as Orlandi (2002) and Guimarães (2005). It has collected data about the language uses through semi-structured interviews with directors and journalists of seven border newspapers, conducted on April of 2012. Based on them, the study identify that the uses of the languages are a business strategy that is regulated by the editorial projection about the target audience language. Therefore, the newspaper language policy is guided by this projection. In many cases, a direct relationship among language, nationality of target audience and newspaper's circulation area are (already) established. In this relationship, three notions are overlapped: 1) national language, 2) national territory and 3) nationality, in despite of the local linguistic contacts.

Keywords: language policy, border, newspaper.

RESUMO. Este trabalho apresenta pesquisa sobre a participação das línguas nas decisões editoriais de jornais da fronteira do Brasil com a Argentina e com o Uruguai. Seu objetivo é entender a relação *política de línguas-política editorial* de jornais que circulam em áreas caracterizadas por contatos lingüísticos. A pesquisa se filia ao campo de estudos da Política de Línguas, dialogando com autores como Orlandi (2002) e Guimarães (2005). Coletaram-se dados sobre o uso de línguas por meio de entrevistas semiestruturadas com diretores e jornalistas de sete

Signo y Señá, número 28, diciembre de 2015, pp. 259-273

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189



jornais fronteiriços, realizadas em abril de 2012. Analisando-as, identificou que o uso das línguas constitui uma estratégia comercial, sendo a política de línguas do jornal definida a partir da projeção editorial que se faz sobre a língua do público. Em geral, estabelece-se uma relação direta entre a língua, a nacionalidade do público-alvo e a área de circulação do jornal. Nessa relação, três noções são sobrepostas: 1) língua nacional, 2) território nacional e nacionalidade, a despeito dos contatos linguísticos locais.

Palavras-chave: política de línguas, fronteira, jornais.

1. INTRODUÇÃO. No Brasil, atualmente, jornais impressos estão isentos de diretrizes legais reguladoras da diversidade linguística das publicações. Em outras palavras, esses veículos podem divulgar suas notícias na língua que considerarem adequada. Isso não significa, porém, que encontraremos no país uma larga gama de títulos jornalísticos em línguas de imigração, indígenas ou estrangeiras. Muito pelo contrário, a maior parte da imprensa brasileira faz uso exclusivo do português como língua de publicação. Mas há exceções. E uma delas são jornais editados em cidades da larga fronteira internacional do país, que adotam, em alguns casos, a língua “do país vizinho”, além da portuguesa.

Entendemos que as práticas linguísticas desses jornais de fronteira configuram uma política de línguas, operando a distribuição de cada língua em espaços de enunciação possíveis para elas, nesse contexto (Guimarães 2005a). Essa noção coaduna com o conceito de Política de Línguas, que entende que a política está presente não só na tematização formal de uma política linguística explícita, planejada, assumida claramente como organizacional, mas também na observação de processos institucionais menos evidentes presentes de forma implícita nos usos diferenciados (e que produzem diferenças) das línguas (Orlandi 2002). Desse modo, o político na língua se manifesta em todas essas instâncias, de modo mais ou menos evidente, como resultado de relações de poder, que se articulam tanto em nível governamental quanto no cotidiano das práticas linguísticas.

Entre as diversas distribuições políticas possíveis para as línguas estão as de oficial, nacional, local e estrangeira. Como resultado dessas categorizações, algumas línguas se difundirão rapidamente, enquanto outras caminharão para a extinção; algumas serão usadas em espaços públicos, enquanto outras serão reduzidas ao âmbito doméstico; entre outros inúmeros impactos sobre aquilo que a Política Linguística chama de “posicionamento das línguas na sociedade” (Calvet 2007). Sendo o jornal um compo-

nente do espaço público de uma comunidade, a presença de uma ou várias línguas em suas páginas nos diz sobre a distribuição política de tais línguas na área de produção e circulação do veículo; diz, portanto, sobre a política de línguas do lugar.

Entendemos que a política de línguas de um determinado espaço social tem impacto e, ao mesmo tempo, é impactada pelo uso que seus veículos de comunicação, entre eles os jornais impressos, fazem das línguas. E a decisão sobre que línguas usar em uma publicação jornalística é resultado de uma decisão editorial, isto é, de uma decisão tomada por sua equipe diretiva acerca do conteúdo, da circulação e do público-alvo do jornal, bem como de seus dos objetivos sociais, políticos, econômicos e ideológicos. A partir dessa compreensão, este artigo apresenta uma pesquisa que buscou conhecer a participação das línguas nas decisões editoriais de veículos jornalísticos, discutindo a relação entre a política de línguas e a política editorial de jornais que circulam em áreas fronteiriças caracterizadas por contatos linguísticos.

A área delimitada para estudo foi a fronteira do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Os jornais estudados são brasileiros e produzidos nas cidades limítrofes. As línguas consideradas foram apenas as oficiais e/ou nacionais dos locais envolvidos: o português (Brasil e Uruguai); o espanhol (Argentina e Uruguai) e o guarani (província de Corrientes, Argentina). Essas três línguas são, também, as línguas do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL¹), do qual fazem parte os três países mencionados. A metodologia de pesquisa incluiu entrevistas semiestruturadas com diretores e jornalistas de sete jornais fronteiriços.

Para identificar os jornais fronteiriços, a equipe de pesquisa entrou em contato com os assessores de imprensa das prefeituras de cada cidade. Conhecendo os títulos, providenciou a coleta de exemplares nos municípios. Em seguida, selecionou um ou dois jornais para figurar como de referência de cada cidade, a partir dos seguintes critérios: maior tiragem, abrangência, tempo de funcionamento, número de páginas, qualidade (de texto, fotos, impressão, diagramação). O pedido de entrevista foi feito aos dez jornais em funcionamento na época, mas apenas sete aceitaram concedê-la.

1 Português e espanhol têm o estatuto de línguas oficiais do Mercosul desde 1991. O guarani aceitou à condição de "língua do bloco" em 2006.

As entrevistas contaram com 14 questões e foram realizadas presencialmente (duas) e por telefone (cinco), no mês de abril de 2012². As perguntas apresentadas aos diretores e jornalistas tinham como objetivo entender as razões para o uso de uma ou mais línguas pelos jornais, bem como os motivos para alocar essas línguas em certas partes do jornal (em editoriais específicas, por exemplo). Também questionavam de onde surgiu a ideia desse uso, a fim de verificar se haviam se inspirado em outros jornais ou em algum fator econômico, político, cultural ou social. Visavam, igualmente, a comparar o ano de fundação do jornal com o ano em que este passou a ser bilíngue. As informações repassadas pelos entrevistados foram anotadas pelos entrevistadores. Cada questão resultou em um quadro ou tabela com o resumo das respostas obtidas. Os dados sistematizados foram, então, interpretados à luz de estudos sobre política de línguas e política editorial.

Na sequência, procuraremos apresentar o estudo³ em dois tópicos. O primeiro discorre sobre a área de fronteira em foco, as cidades-gêmeas que a conformam, as línguas que a constituem e seus os jornais locais. O segundo tópico discute a relação política de línguas/política editorial que levou os jornais fronteiriços a publicarem em uma ou mais línguas. Por último, fazemos considerações finais sobre demandas de pesquisa envolvendo mídia e línguas no Brasil e na região do Mercosul.

2. A FRONTEIRA, SUAS LÍNGUAS, SEUS JORNAIS LOCAIS. Considerando a afirmação de Guimarães (2005b) de que as línguas são afetadas, no seu funcionamento, por condições históricas específicas, entendemos que não é possível conhecer a relação entre política de línguas e política editorial dos jornais fronteiriços sem aproximar-nos das condições de produção dessas políticas. Ou seja, sem conhecer um pouco dessa área de fronteira. Por isso, na sequência, apresentaremos algumas das características geográficas, culturais e, sobretudo, linguísticas dos limites entre Brasil, Argentina e Uruguai, bem como exporemos os jornais ali produzidos que foram identificados e mobilizados pela pesquisa.

2 Os entrevistados foram questionados sobre o uso de línguas pelo jornal, naquele momento (abril de 2012). Isso significa que antes ou depois dessa data suas práticas linguísticas podem ser diferentes das apresentadas neste texto.

3 Os resultados desta pesquisa foram apresentados no XI Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (Celsul), ocorrido entre 12 e 14 de novembro de 2014, na cidade de Chapecó (SC), Brasil.

Nessa área fronteiriça, ocorreram intensos contatos sociais, históricos, econômicos, geográficos, que originaram o que Reichel (2010, 445) chama de “um universo próprio de valores culturais, um cotidiano e um imaginário peculiares”, que orbitam a figura do gaúcho, como as atividades pecuária e bélica; o chimarrão e o churrasco; o *chamamé*, o cavalo e a bombacha, entre outras várias características distintivas. Essa convergência também está presente na língua, com diversificadas situações de contato e intercâmbio no léxico e na fonologia, envolvendo, sobretudo, as línguas espanhola, portuguesa e guarani.

A fronteira Brasil-Uruguai, por exemplo, conta com a presença dos Dialetos de Base Portuguesa do Norte do Uruguai (os DPUs), herança da colonização lusitana do território, que levou ao reconhecimento recente do português como língua materna dos uruguaios (Brovetto 2010). No entanto, os DPUs se encontram, atualmente, segundo Behares (2010), mais presentes nos setores humildes e rurais da sociedade local, configurando uma forma linguística estigmatizada e sem prestígio, ao lado do espanhol, que é a língua das classes médias e altas urbanizadas. Com relação ao guarani, embora estudos como os de Haberkorn (2004) mostrem que o Uruguai foi amplamente povoado por índios guaranis missioneiros, que, por sua vivência nas reduções, rapidamente se incorporaram à sociedade uruguaia, no país não existe o reconhecimento nem da língua, nem da herança dessas populações.

A fronteira Brasil-Argentina, por sua vez, apresenta áreas de intenso contato entre português e espanhol, especialmente na província de Misiones, na Argentina, onde vive um contingente significativo de brasileiros (Sturza 2005), a ponto de Lipski (2012) designar o conjunto de falares de base portuguesa da província de “Dialetos Portugueses de Misiones”. A fala do português como língua materna ou como segunda língua foi historicamente reforçada, nessa área, pela forte penetração do rádio e da televisão brasileiros, conforme o mesmo autor. Segundo ele, porém, isso não significa que a fala e a “mescla” espanhol-português sejam bem-aceitas, especialmente no âmbito escolar. Com relação ao guarani, as políticas locais usam-no como símbolo da identidade da província de Corrientes, onde, desde 2004, ele é língua oficial alternativa, de acordo com Zamborian et al, em artigo publicado no site do projeto Linguasur. Mesmo assim, explicam as autoras, ainda predomina um discurso de proibição do uso do guarani, resultado de políticas anteriores que consideravam o bilinguismo espanhol-guarani incorreto, de modo que, hoje, o guarani é falado, sobre-

tudo, em áreas periféricas e rurais e por pessoas de baixo poder aquisitivo.

Vemos, então, que há uma histórica circulação dessas línguas entre os países, nas suas áreas de fronteira, a qual é facilitada pela condição geminada de algumas das cidades que compõem o local. De acordo com o Ministério da Integração Nacional (MIN) do Brasil, cidades-gêmeas constituem “localidades fronteiriças vinculadas”, “cidades contíguas”, “adensamentos populacionais cortados pela linha divisória” (Brasil 2009). Conforme esse mesmo documento, o Brasil possui 27 comunidades geminadas ao longo de sua fronteira internacional, das quais dez se localizam em divisas geopolíticas com Argentina e Uruguai. Já o mapa desenvolvido pela equipe de pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ver figura 1) identifica 12 cidades-gêmeas ao longo dessa linha divisória internacional, das quais três são de fronteira tríplice.

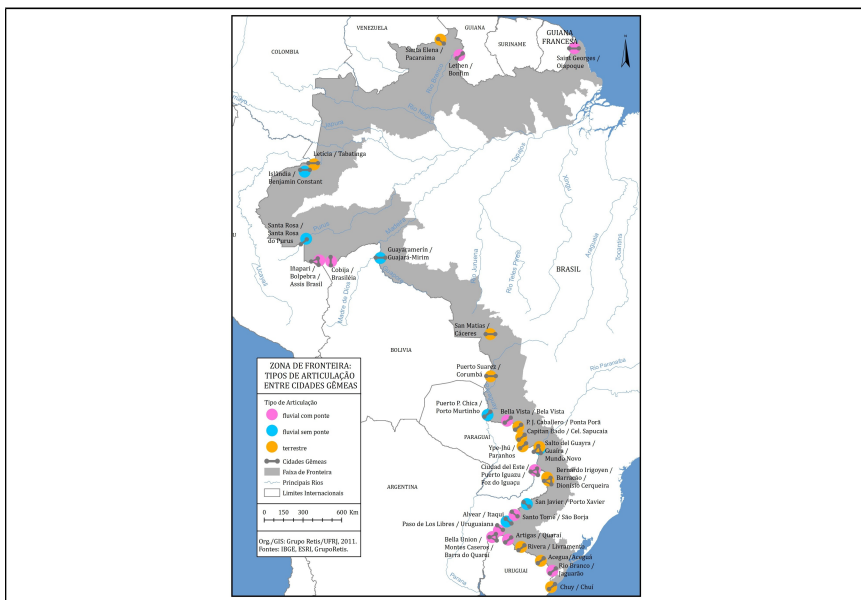


Figura 1: Cidades-gêmeas na fronteira do Brasil com Argentina e Uruguai (Grupo Retis-URFJ).

Apesar da sua condição heterogênea em termos de proximidade e integração com a cidade-irmã, as cidades geminadas são lugares onde as línguas, principalmente o português e o espanhol, estariam mais propensos

a funcionar como línguas de interface, isto é, como pertencentes a um conjunto de representações histórico-sociais e interculturais que as identificam (Sturza e Fernandes 2009). Não por acaso, são essas cidades, em geral, as que hoje abrigam o projeto Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira (PEIBF).

Algumas dessas cidades geminadas contam com publicações jornalísticas produzidas localmente, cuja circulação abrange os municípios próximos. Esta pesquisa identificou e mobilizou jornais de importância em sete cidades (quadro 1):

Cidade	Fronteira com	Jornal	Fundação
Porto Xavier	San Javier (Ar.)	<i>A Gazeta do Povo</i>	1993
São Borja	Santo Tomé (Ar.)	<i>Folha de São Borja</i>	1971
Itaqui	Alvear (Ar.)	<i>Folha de Itaqui</i>	2000
Uruguaiana	Paso de los Libres (Ar.)	<i>Momento de Uruguaiana</i>	2003
Barra do Quaraí	Monte Caseros (Ar.) Bella Unión (Ur.)	<i>Folha Barrense</i>	2008
Quarai	Artigas (Ur.)	<i>Folha de Quarai</i>	1978
Santana do Livramento	Rivera (Ur.)	<i>A Plateia</i>	1938

Quadro 1: Descrição dos jornais objeto da pesquisa.

A leitura do quadro 1 nos permite concluir que são objeto deste estudo tanto jornais antigos e tradicionais na área de fronteira, como o *A Plateia*, de Santana do Livramento, fundado em 1932, e o *Diário de São Borja*, de São Borja, fundado em 1971, quanto jornais de criação recente, como o *Folha Barrense*, de Barra do Quaraí, de 2008. Outra característica importante desses jornais revelada nas entrevistas é de que apenas dois deles possuem funcionários com formação superior em jornalismo. A maioria dos outros jornais trabalha com profissionais de nível médio ou nível superior em outro campo do conhecimento⁴. Outro dado interessante é o de que são raros, nesses jornais, profissionais oriundos de outras regiões do país ou de países vizinhos, de modo que os sujeitos que tomam as decisões editoriais nos jornais fronteiriços que selecionamos para estudo são, na maioria, brasileiros e antigos moradores dessa área de fronteira. Os dados coletados com as entrevistas aplicadas a esses sujeitos são apresentados e interpretados a seguir.

4 No Brasil, desde 2009, a lei reconhece como jornalista quem exerce tal função, independentemente do diploma de nível superior em jornalismo.

3. A POLÍTICA DE LÍNGUAS NAS DECISÕES EDITORIAIS DOS JORNAIS FRONTEIRIÇOS. Maluly e Venâncio (2009), citando Luiz Beltrão, afirmam que a política editorial de um veículo é sua orientação ideológica e a do público para o qual ele se dirige. A política editorial de um jornal ajudará a definir o que as teorias do jornalismo chamam de agendamento (o que será publicado) e enquadramento (como será publicado) das notícias (Traquina 2005). Contudo, políticas editoriais podem ser pouco claras, tanto para o público leitor quanto para o jornalista que produz as notícias, sendo, muitas vezes, obtusas até para a própria equipe diretiva do jornal, ressalta o autor.

Na fronteira, política de línguas e política editorial se encontram na medida em que as línguas fazem parte de uma orientação ideológica que coaduna os interesses e características do veículo e do público. No caso da fronteira Brasil, Uruguai e Argentina, levando em conta os resultados dos estudos científicos sobre a presença das línguas guarani, espanhola e portuguesa nessa área, apresentados anteriormente, entendemos que essas línguas têm potencial para compor, juntas ou separadas, as páginas dos jornais fronteiriços, por ser a diversidade linguística uma característica do seu público consumidor.

Os jornais fronteiriços deste estudo são jornais de produção e circulação local, em que a relação de proximidade com o público ganha importância na política editorial (Dornelles 2005). Se o atendimento à comunidade local é uma das premissas da política editorial de jornais de pequeno porte, os jornais fronteiriços, em sua peculiaridade, têm duas considerações fundamentais a realizar: 1) a identificação dos limites do local, isto é, se ele incluirá ou não o lado de lá da linha divisória, e 2) a identificação de quais línguas a comunidade local fala.

A partir dessa delimitação inicial, as decisões sobre a enunciação nas diversas línguas estão sujeitas a um imaginário social que as distribui como locais, nacionais, estrangeiras, do Mercosul, internacionais, etc. Isto é, a língua espanhola pode ser usada por um jornal fronteiriço com sede no Brasil por funcionar como uma língua local, de domínio tanto do público que habita o Brasil como do que habita o país vizinho; ou por significar a língua nacional do país vizinho, cujo público o jornal quer alcançar. Também pode ser usada por representar a língua do Mercosul, como elemento identitário do bloco, ou, ainda, por significar uma língua internacional, relacionada aos intercâmbios comerciais em nível global.

Com base nas entrevistas realizadas, apreendemos que a maioria dos jornais fronteiriços é projetada para o público brasileiro apenas, sobretu-

do aqueles jornais sediados nos limites com a Argentina. Os jornais da fronteira com o Uruguai, por sua vez, costumam incluir os sujeitos uruguaios e os “doble-chapas”⁵ como seu público-alvo. O Folha Barrense, situado na tríplice fronteira Argentina-Brasil-Uruguai, é o único que inclui sujeitos das três nacionalidades como leitores em potencial do jornal. Os jornais projetados para o público brasileiro são, sem exceção, redigidos apenas em língua portuguesa. Os jornais projetados para 1) brasileiros e uruguaios ou 2) brasileiros, uruguaios e argentinos usam as línguas portuguesa e espanhola em suas edições. Nenhum jornal usa o guarani para enunciar, como podemos visualizar no quadro 2 e na tabela 1:

Jornal	Público-alvo	Línguas usadas
<i>A Gazeta do Povo</i>	Brasileiros	Português
<i>Folha de São Borja</i>	Brasileiros	Português
<i>Folha de Itaqui</i>	Brasileiros	Português
<i>Momento de Uruguiana</i>	Brasileiros	Português
<i>Folha Barrense</i>	Brasileiros Argentinos Uruguaios	Português Espanhol
<i>Folha de Quaraí</i>	Brasileiros Uruguaios	Português Espanhol
<i>A Plateia</i>	Brasileiros Doble-chapas Uruguaios	Português Espanhol

Quadro 2: Relação público-alvo x Línguas presentes nos jornais.

	Português apenas	Português e Espanhol	Guarani
Línguas usadas	4	3	0

Tabela 1: Língua x número de jornais em que é usada.

Logo, entendemos que há uma relação direta entre a nacionalidade dos leitores e a língua na qual o jornal enuncia. Ou seja, é a partir da projeção editorial que se faz sobre a língua do público que se define a política de línguas do jornal. Adicionalmente, para a política linguístico-editorial dos veículos, cada lado da linha divisória comporta uma única língua, a nacional/oficial do país. Se o jornal compreende como a “comunidade local” por ele atendida as cidades fronteiriças de ambos os países, então, o jornal comporta as línguas portuguesa e espanhola, a primeira como nacional do Brasil e a segunda como nacional da Argentina e do Uruguai. Se o jornal delimitou como “comunidade local” apenas as cidades próximas

5 Pessoas com cidadania (dupla) brasileira e uruguiaia.

dispostas no lado brasileiro da fronteira, então, a língua usada será a portuguesa apenas. Os jornais, na sua maioria, usam a língua espanhola não com o intuito de atingir brasileiros falantes dessa língua, nem migrantes hispano-falantes radicados do lado brasileiro ou, mesmo, falantes de português, mas sim de alcançar argentinos e uruguaios que vivem do outro lado da fronteira.

Nessa projeção linguístico-editorial dos jornais fronteiriços, portanto, atua um imaginário que não enxerga a presença das línguas portuguesa e espanhola transbordando as fronteiras dos países em que são nacionais e oficiais. Isto é, ela não vê o público falante de espanhol que vive no lado brasileiro da fronteira, nem o público falante de português que vive nos lados argentino e uruguaio, embora estudos como os de Lipski (2012) e Behares (2010) apontem sua existência. O guarani, por sua vez, ao não ser língua nacional e oficial de nenhum desses três países, apenas provincial, fica de fora das projeções editoriais, situação a que também contribui sua invisibilidade na fronteira Brasil-Uruguai e sua estigmatização na fronteira Brasil-Argentina, assinaladas nos textos online de Haberkorn, de Lipski e de Zamborian et al., citados anteriormente.

É possível que as políticas de integração impulsionadas pelo MERCOSUL possam ter tido influência sobre a política linguístico-editorial de alguns jornais fronteiriços. Tanto o jornal *A Plateia*, criado em 1937, quanto o jornal *Folha de Quaraí*, de 1978, segundo os depoimentos colhidos, iniciaram a divulgação contínua em língua espanhola nos anos 2000 e 2005, respectivamente. Isso não significa que tais jornais não publicassem nessa língua antes dessas datas, mas que tal prática era, até então, apenas ocasional. Além disso, para os diretores de dois importantes jornais fronteiriços em funcionamento atualmente, o *Folha de São Borja* (na fronteira com a Argentina e que publica apenas em português) e o *A Plateia* (no limite com o Uruguai e que publica em português e espanhol), a língua do Mercosul é o espanhol, por ser a língua da maioria dos países do bloco. Também, apesar de apenas três dos sete jornais fronteiriços publicarem em língua espanhola, todos os entrevistados consideraram positiva a existência de publicações brasileiras na língua “do país vizinho”.

	<i>A Plateia</i>	<i>Folha de Quaraí</i>	<i>Folha Barrense</i>
Fundação do jornal	1938	1978	2008
Início do uso do espanhol	2000	2005	2008

Quadro 3: Início do uso do espanhol em relação à data de fundação do jornal.

Indagados sobre as razões pelas quais usam uma ou mais línguas em seus jornais, os diretores e jornalistas daquelas publicações que eram redigidas exclusivamente em língua portuguesa justificaram essa prática com a área de abrangência limitada do jornal, que se restringe ao Brasil; com a falta de interesse dos argentinos pelos jornais brasileiros; com a preocupação de que o uso de duas línguas poderia confundir o leitor; com o fato de a estrutura de pessoal do jornal não comportar o trabalho em duas línguas; com a percepção de que aquele ponto da fronteira onde o jornal circula (no lado brasileiro) fala exclusivamente português.

Já os jornais que usam o espanhol na redação das suas notícias, todos situados na fronteira Brasil-Uruguai, explicam essa prática linguística com a intenção de unir e promover a integração entre os países que leem o jornal ou com o interesse de aumentar a circulação, os leitores e os anunciantes do veículo. A proximidade dos países e das cidades, bem como o cotidiano bilíngue português-espanhol destas, é apontada como deflagradores da ideia de publicar em duas línguas. Desse modo, apesar da presença histórica do português no Uruguai e das recentes políticas de promoção dessa língua no país (Behares 2010, Brovetto 2010), o espanhol é entendido pelos jornais brasileiros como a língua desse público. Isso vai ao encontro da afirmação de Behares (2010) de que o imaginário local ainda associa o português no Uruguai ao meio rural pouco escolarizado e o espanhol ao meio urbano culto, sendo este último o principal segmento consumidor de jornais impressos, atualmente.

Além disso, embora os entrevistados apontem o recorrente uso doportunhol pelos falantes fronteiriços dos três países, essa língua não compõe a escritura dos jornais locais, o que vai ao encontro da afirmação de Sturza (2004) de que oportunhol tem uso predominantemente oral e coloquial nessas áreas de fronteira.

As relações comerciais entre os países limítrofes são outro fator de influência sobre a política de línguas dos jornais de fronteira. Como explica Traquina (2005), o jornalismo é um negócio cuja receita provém, sobretudo, da venda de publicidade, o que leva muitos diretores de publicações a evitarem o confronto com potenciais anunciantes. Desse modo, circular do outro lado da linha divisória e publicar em língua espanhola leva o jornal, no entendimento dos diretores e jornalistas, a abrir espaço para os anunciantes da cidade adjacente. Considerando as flutuações na moeda dos dois países, anunciar produtos e serviços (mais baratos) do país vizi-

nho pode prejudicar o comércio do lado brasileiro, o que pode gerar pressões negativas destes comerciantes (e anunciantes).

Por outro lado, publicar em língua espanhola pode levar à conquista de mais público leitor e anunciante para o jornal, sobretudo quando há um vácuo editorial na cidade limítrofe. O quadro 4, a seguir, sistematiza as justificativas apresentadas pelos entrevistados para usar ou não a língua espanhola na publicação do jornal.

Porque adotou o formato bilíngue ou monolíngue?	
Monolíngues português	Bilíngues português-espanhol
A área de abrangência do jornal é brasileira.	Para unir os três países.
Não há interesse de argentinos pelos jornais brasileiros.	Para promover a integração entre os países que leem o jornal.
O uso de duas línguas poderia confundir o leitor.	Para aumentar a circulação do jornal.
A estrutura do jornal não comporta duas línguas.	Para conquistar leitores e anunciantes do outro país.
Há pressões de anunciantes brasileiros.	

Quadro 4: Justificativas para usar ou não o espanhol na publicação.

Assim, nos jornais de fronteira, notamos uma forte relação da política de línguas com estratégias comerciais que embasam a política editorial dos veículos. A diversidade linguística funciona, nessa área, portanto, como um nicho de mercado relacionado à indústria de bens culturais, tal qual já assinalado por Oliveira (2010). É interessante perceber que, nessas relações comerciais, as línguas aparecem como símbolos do nacional, como representantes de cada nação envolvida na transação, lembrando o conceito de línguas transnacionais, desenvolvido por Zoppi-Fontana (2009). Isso não causaria estranhamento se considerássemos um comércio global, em nível macro, ou nas relações internacionais entre países, mas surpreende no caso da circulação de bens tão localizados, como são os jornais fronteiriços, que ocorre, além disso, em lugares geograficamente e historicamente tão próximos, como as cidades-gêmeas da fronteira Brasil-Uruguaí-Argentina.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS. Este artigo buscou iniciar uma reflexão sobre a relação existente entre política de línguas e política editorial em veículos jornalísticos. Em geral, essa discussão se faz pouco presente nos estudos que envolvem língua e mídia no Brasil, possivelmente pelo fato de a imprensa nacional adotar, atualmente, em sua quase totalidade, o português como língua de publicação. É nas comunidades locais que poderemos en-

contrar esse questionamento mais presente, como as zonas de imigração europeia, oriental ou árabe; nas comunidades indígenas e nas áreas fronteiriças, onde a diversidade linguística está presente no cotidiano, ao lado (ou por trás) da língua oficial e nacional do país.

No que se refere à diversidade linguística de jornais em áreas de fronteira, este estudo nos permitiu apreender que ela constitui uma estratégia comercial, e que é a partir da projeção editorial que se faz sobre a língua do público, que se define a política de línguas do jornal. Em geral, nessa projeção, estabelece-se uma relação direta entre a língua, a nacionalidade do público-alvo e a área de circulação do jornal. Nessa relação, língua portuguesa, território brasileiro e nacionalidade brasileira são sobrepostos, do mesmo modo que língua espanhola, território argentino/uruguaio e nacionalidade argentina/uruguaia, a despeito dos contatos linguísticos locais.

Essa situação é característica da fronteira Brasil-Argentina-Uruguai e cabe avançar para a fronteira Brasil-Paraguai. Isso demandará, porém, mais atenção ao guarani, que, no Paraguai, desde 1992, compartilha a oficialidade com o espanhol. Entre os questionamentos que se colocam é se o fato de o guarani ser língua oficial e nacional do Paraguai faz com que ele seja usado nas publicações dos jornais dessa fronteira. Talvez a invisibilidade dessa língua se repita na fronteira paraguaia do mesmo modo que foi observada na fronteira argentina e uruguaia, a despeito da sua oficialidade. A situação política do guarani é extremamente interessante e complexifica significativamente o quadro das relações entre as línguas na região da Bacia do Rio da Prata.

O estudo sobre a relação *política de línguas-política editorial* nos jornais fronteiriços possibilita também pensar os modos como a integração regional no Mercosul pode funcionar, linguisticamente falando, em veículo midiáticos, considerando que estes são, ao lado dos sistemas de ensino, importantes difusores das línguas e dos valores a elas relacionados.

BIBLIOGRAFIA

- Behares, Luis. E. 2010. "Apresentação". Dossiê *Educação fronteiriça Brasil/Uruguay, línguas e sujeitos*. *Revista Pro-posições* 63: 17-24.
- Brasil. Ministério da Integração Nacional (MIN). Secretaria de Programas. 2009. "Cartilha do Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira-PDFF". http://www.mi.gov.br/programasregionais/publicacoes/faixa_de_frenteira.asp

- Brovetto, Claudia. 2010. "Educación bilingüe de frontera y políticas lingüísticas em Uruguay". Dossiê *Educação fronteiriça Brasil/Uruguay, línguas e sujeitos*. *Revista Pro-posições* 63: 25-44.
- Calvet, Jean-Louis. 2007. *As políticas lingüísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, Ipol.
- Dornelles, Beatriz. 2005. "Características de jornais e leitores interioranos no final do século 20". *Biblioteca on line de Ciências da Comunicação* 1: 1-15.
- Guimarães, Eduardo. 2003. "Enunciação e política de línguas no Brasil". *Revista Letras* 27: 47-53.
<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/>
- . 2005. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes.
- Haberkorn, Leonardo. 2004. "Uruguay, tierra guaraní". *Guarani Rienda*.
http://www.datamex.com.py/guarani/marandeko/haberkorn_uruguay_tierra_guarani.html
- Lipski, John. 2011. "Encontros fronteiriços espanhol-português". *Revista Ideação* 13: 83-100.
- . S/F. "Contactos lingüísticos hispano-portugueses en Misiones, Argentina".
<http://www.personal.psu.edu/faculty/j/m/jml34/Misiones.pdf>
- Maluly, Luciano e Venancio, Rafael. 2009. "A urgência de novas linhas editoriais". *Observatório da imprensa*, 523.
http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_urgencia_de_novas_linhas_editoriais
- Oliveira, Gilvan M. 2010. "O lugar das línguas: a América do Sul e os mercados lingüísticos na nova economia". *Synergies Brésil* 1: 21-30.
- Orlandi, Eni. 2002. *Língua e conhecimento lingüístico: Para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- Reichel, Heloísa. 2010. "Para além das barreiras das fronteiras geopolíticas na construção historiográfica: a região platina no sul da América do Sul". Em *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*, editado por: José Luis Bendicho Beired, Maria Helena Capelato e Maria Lígia Coelho Prado, 441-458. Assis, São Paulo: FCL-Assis-UNESP, Laboratório de Estudos de História das Américas, FFLCH, USP.
http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/Intercambios_Politicos_-_e-book.pdf
- Sturza, Eliana. 2004. "Fronteiras e práticas lingüísticas: um olhar sobre o portunhol". *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* 3: 151-160.
- . 2005. "Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas das fronteiras brasileiras". *Ciência e Cultura* 57: 47-50.
- Sturza, Eliana e Ivani Fernandes. 2009. "A fronteira como novo lugar de representação do espanhol no Brasil". *Signo & Seña* 20: 209-227.
- Traquina, Nelson. 2005. *Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são*. Vol. 1. 2ª ed. Florianópolis: Insular.
- Zamborian, Romina, Natalia Bengochea e Maria Sartori. S/F. "Una aproximación a la política lingüística en la provincia de corrientes en torno al caso del guaraní y el portugués". *Linguasur*.
<http://www.linguasur.com.ar/panel/archivos/127d6e4a82ce58389a4648773d6c6405BengocheaSartoriZamborainCorrientes.pdf>
- Zoppi-Fontana, Mônica. 2009. "O português do Brasil como língua transnacional". Em *O português do Brasil como língua transnacional*, editado por Mônica Zoppi-Fontana, 13-42. Campinas: RG.

Andrea Weber

Universidade Federal de Santa Maria

andrea.weber@ufsm.br

Trabajo recibido el 31 de agosto de 2015 y aprobado el 1º de diciembre de 2015.